

PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ilda Medeiros Cavalcante¹
Katia Maria de Aguiar Freire²

RESUMO

A educação inclusiva é um processo possível quando desenvolvido de forma correta, respeitando as dificuldades e limitações das crianças. Para tanto, usar ferramentas que facilitem e beneficiem o desenvolvimento dessas crianças é uma forma de diminuir os desafios impostos pela deficiência que possuem. Desse modo, a psicomotricidade é um importante meio de promover um ensino plural, onde todas as crianças aprendam, se socializem e construam conhecimentos que lhes ajude a progredir dentro e fora da escola. Desse modo, o objetivo do estudo é discutir a importância da psicomotricidade para a educação inclusiva. De modo mais específico tentou-se entender o que psicomotricidade, compreender como a psicomotricidade beneficia processos inclusivos; analisar como o espaço escolar pode se tornar um campo de desenvolvimento de atividades psicomotoras. A metodologia para construção do estudo foi à pesquisa bibliográfica. A investigação justifica-se por promover novos olhares sobre a inserção da psicomotricidade na rotina escolar, especialmente na educação inclusiva.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Psicomotricidade. Espaço escolar.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um campo de pesquisa amplo e demanda muita cautela para possibilitar descobertas capazes de beneficiar o desenvolvimento dos alunos. Um dos maiores desafios do processo é a socialização no espaço escolar. Quando a criança adentra os muros da escola ela entra em contato com pessoas e adquire experiências valiosas para se desenvolver. Tais situações de aprendizagem oportunizadas pela escola

¹ Mestra em Educação, Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Atendimento educacional Especializado e Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, hildhamedeiro2014@gmail.com.

² Mestranda em Ciências da Educação – UTIC- PY; Graduada em Pedagogia com Habilitação em Biologia (UVA); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (INTA), Gestão e Supervisão Escolar (INTA) katiamefreire@gmail.com ;



permite que a criança aprimore sua vida psicossocial de forma pessoal, onde ela aprende sobre si mesma e consegue entender suas limitações.

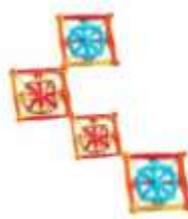
As trocas de conhecimento, a forma como se expressam, vivem e superam suas dificuldades de relacionamento e aprendizagem é um exemplo de como as crianças são capazes de se comunicar, se organizar, desenvolver a parte cognitiva, se concentrar e aprender. Todos esses processos são campo de estudo da psicomotricidade.

A psicomotricidade ainda é um campo novo de investigação, mas muito importante por promover novas abordagens advindas das relações que se estabelecem entre as crianças. A efetividade desse método está em conduzir atividades que vislumbrem a rotina da criança, além do processo de socialização, o espaço-ambiente onde a mesma está inserida, o uso do corpo, das brincadeiras, aspectos motores, a afetividade do processo, como as crianças lidam com suas frustrações e os relacionamentos com os professores, adultos e colegas.

Dessa forma, o objetivo geral da investigação é discutir a importância da psicomotricidade para a educação inclusiva. De modo mais específico intentou-se entender o que psicomotricidade, compreender como a psicomotricidade beneficia processos inclusivos; analisar como o espaço escolar pode se tornar um campo de desenvolvimento de atividades psicomotoras.

Desse modo, a problemática pautou-se na seguinte indagação: quais os benefícios da psicomotricidade para a educação inclusiva? Como a psicomotricidade está diretamente ligada ao comportamento e socialização, ela permite que se pense estratégias de ensino e aprendizagem capazes de melhorar o desenvolvimento motor, melhoria no desenvolvimento cognitivo, ajuda na integração no espaço onde a criança vive, aceitação dos familiares sobre os problemas enfrentados pelas crianças, resgate da autoestima de alunos, professores e familiares.

Do ponto de vista de sua abordagem, a pesquisa foi construída na metodologia denominada “qualitativa”, não obstante se reconheça que toda investigação científica apresenta uma dimensão também quantitativa. Quanto ao procedimento técnico adotou-se o tipo de pesquisa bibliográfica, tendo em vista a natureza da presente investigação, buscando através dessa metodologia coletar os fatos históricos, além das peculiaridades que envolvem a psicomotricidade e a educação inclusiva, a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.



Com base no exposto, a investigação justifica-se por promover novos olhares direcionados ao desenvolvimento e aprendizagem de crianças com base na psicomotricidade e na educação de indivíduos com deficiência. Para tanto, o estudo inicia-se com uma importante reflexão sobre a psicomotricidade e como ela pode contribuir com o processo de desenvolvimento do sujeitos na educação inclusiva.

METODOLOGIA

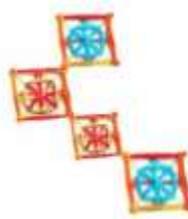
O estudo foi elaborado com base em textos como artigos e livros, materiais que foram escritos e publicados sobre o assunto em pauta. Desse modo, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, possuindo uma natureza exploratória, visto que, permite explorar as informações das mensagens e interpretá-las de forma introspectiva sem fugir do tema (GIL, 1999).

A abordagem usada como base para interpretação desses dados foi à qualitativa, embora se tenha consciência que toda pesquisa também tem uma dimensão quantitativa. Essa abordagem ajuda a compreender o que ficou nas entrelinhas, enfatizando mensagens que são relevantes, mas que nem sempre são percebidas.

Os dados foram coletados por meio de uma primeira leitura, depois que os autores foram escolhidos, a escrita iniciou, buscando a todo o momento manter um dialogo com os teóricos, além de ter muito cuidado em responder aos objetivos do estudo, visando mostrar informações que represente a realidade pesquisada.

Foi realizada uma revisão de todo o material existente em sites oficiais, livros e revistas que tratam do assunto com a perspectiva de compreender as principais teorias existentes sobre a temática e com esse levantamento bibliográfico foi possível encontrar autores com livros, artigos, jornais, entrevistas em sites que foram publicados com a intensão de esclarecer algumas questões relevantes sobre o assunto.

Dessa maneira, foram reunidos autores que, conforme a necessidade de discussão traziam elementos teóricos capazes de responder os questionamentos que surgiram durante o processo investigativo, o que leva-nos a entender que qualquer trabalho de natureza científica deve ser iniciado com a pesquisa bibliográfica.



Esse tipo de pesquisa ajuda a compreender diferentes posições a respeito do mesmo problema, o que permite uma análise peculiar dos dados, ajudando a delimitar o objeto de pesquisa, o que facilita a busca por novas informações que podem ser inseridas ao estudo (GIL, 1999).

Contudo, foi realizado o registro das informações através do fichamento do material teórico. A intensão foi de ter em mãos tudo o que era importante e pertinente à investigação, sem deixar os detalhes importantes passar despercebido. Desse modo, foi possível organizar, escolher e inserir informações que ajudam a melhorar a contextualização do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Embora a educação tenha sofrido avanços e tomado rumos diferentes em vários momentos da história educacional, foi apenas no século XX que uma pesquisa começou a identificar que existiam outros meios de ensinar crianças, principalmente as que tinham dificuldades ou limitações para aprender. Essa estudiosa foi a médica italiana Maria Montessori (1870-1952) que elaborou um método diferente de se trabalhar com crianças e criou uma escola denominada de “Casa dei Bambini”. A médica se preocupava com a formação da criança e do professor. Para ela a educação tradicional engendrava a criança, pois a colocava na mesma posição de um adulto.

A pedagogia trabalhada por ela visava à normatização que são as forças corporais e espirituais funcionando juntas para o mesmo objetivo. Constituiu sua metodologia de ensino a partir de diversos materiais didáticos, e isso só foi possível pelo sucesso das atividades desenvolvidas por ela.

Desse modo, seu método educacional destacava a importância central no ambiente e de instrumentos inseridos a rotina escolar para facilitar o acesso ao conhecimento, ressaltava, ainda, que o professor deveria fazer sempre um autoexame sobre sua prática, devia ser caridoso, renunciar o autoritarismo, pois só assim a criança se tornaria autônoma para desenvolver-se.

Contudo, esse ambiente deveria funcionar com todas as coisas colocadas em ordem, tudo medido, para que as crianças pudessem se concentrar. O material precisaria ser adaptado às dimensões, salas claras, com janelas baixas e cheia de flores para que as



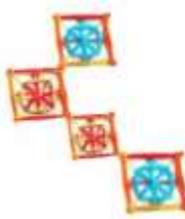
crianças pudessem sentir as formas e cores a sua volta, móveis pequenos de vários formatos, cortinas de cores que exprimissem tranquilidade, armários baixos, para que as crianças pudessem alcançar e assim retirar e colocar como desejassem.

Nessa perspectiva Montessori (1987, p.131) exprime que “[...] o professor sem cátedra, sem autoridade e quase sem ensinar, e a criança transformada em centro da atividade, aprendendo sozinha, livre na escolha de suas ocupações e dos seus movimentos”. Esse pensamento da pesquisadora demonstra o respeito que tinha com a criança suscitando que a aprendizagem começa pelo ambiente preparado e pensado para recebê-la, pois a criança cria e recria o ambiente a sua volta modificando-o e interagindo com ele, ou seja, ela aprende com ele.

Nota-se que a educação, no decorrer da história é teorizada por diversos pensadores, percebe-se alguns avanços já que alguns séculos atrás a criança era vista como “tábua branca”, “adulto em miniatura” entre outras nomenclaturas, e as que tinham deficiência não tinham seus direitos respeitados quanto o acesso à educação. Houveram alguns avanços e hoje acredita-se que a base educacional se constrói na infância, pois é nesta fase que a formação dos hábitos, da personalidade e das atitudes afloram, construindo a identidade, contribuindo assim para a formação plena do cidadão.

A educação da para crianças com deficiência em um passado recente tinha a finalidade assistencialista, visto que, acreditava-se que as pessoas que possuíam necessidades educacionais especiais precisavam somente de cuidados para se sentir melhor. Após alguns estudos realizados sobre o que seria necessidade especial, novas reflexões começaram a surgir através de concepções trazidas por médicos e psicólogos. Devido as mudanças de interpretação das necessidades que as pessoas deficientes têm a discussão se estendeu a escola para que essa pudesse receber e incluir as crianças.

Por vários momentos a escola se recusou assumir a responsabilidade, parte da preocupação era a formação dos professores e a outra se direcionava para a falta de estrutura e conhecimento da comunidade escolar como um todo, além do preconceito enraizado sobre a inserção não apenas de pessoas, mas da diferença. E é nesse confronto de aceitação e não-aceitação que a escola se tornou para muitos dos alunos uma instituição onde a mistura de expectativa e frustração convivem lado a lado.



O fato de a escola ter resistido a mudanças para receber os alunos, adaptar e transformar currículo e espaço, precisando se desfazer de ideologias se dá ao fato de que a mesma é uma instituição construída através dos ideais capitalistas.

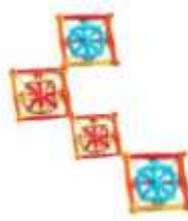
A educação para a classe popular só passou a fazer sentido para o sistema capitalista quando o ensino destinado ao pobre serviria de subsídio para o crescimento da classe dominante.

A escola é lugar onde se constrói as mais diversas aprendizagens. Entende-se que é nesse mesmo ambiente que educações e culturas se entrecruzam formando uma teia de significados. Os primeiros conhecimentos adquiridos nesse espaço são confrontados com aqueles aprendidos em casa, o do senso comum. A relação que o aluno constrói nesse solo educacional influenciará a vida pessoal e social do aluno. Embora, nem sempre teve o papel de receber todas as camadas sociais, a mesma foi criada para uma classe em particular – a classe dominante.

A escola como aparelho ideológico do Estado foi usada como instrumento para reproduzir interesses e alienar a classe operária, reproduzindo a ideia que os dominados tem uma função na sociedade, e a escola, era um prêmio. SAVIANI (1999, p.66) revela que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar aquilo que os dominantes dominam é condição de libertação”. Infere-se que a escola esteve sempre ligada ao interesse da burguesia. Entendemos agora, o porquê, da educação aos surdos ser negada durante muitos anos, pois os mesmos não eram vistos como parte desta burguesia, o que o manteve na margem da sociedade.

Sobre essa escola que Saviani critica, Libâneo (2012), acrescenta que a mesma sobejou para os pobres, priorizando as aprendizagens ínfimas para o desenvolvimento em função do direito ao conhecimento dos alunos. O autor revela que não existe cidadania se os alunos não estudam e adquirem a base comum de conhecimentos e que esses não devem se compor como vantagens apenas de uma parte da sociedade. Assim, concordamos com Álvares e Pinheiro (2014, p. 4 apud Saviani 1999, 34) quando condiram que,

(...) educação deveria constituir-se como instrumento para as escolhas do homem livre, democrático, cidadão e autônomo, porém, na sociedade capitalista, a educação acaba se tornando mais uma ferramenta de manipulação. Ela legitima as diferenças sociais e marginaliza, ao invés de tencionar a luta contra a ideologia das classes dominantes, e dos direitos dos



seres humanos: o conhecimento, que deve ser universal e possibilitado a todos.

Para a burguesia, ensinar os pobres a pensar sempre foi um fator preocupante, pois se os mesmos, que assumem a maior parte da população mundial, se rebelassem a lutassem por seus direitos, incluindo o direito de ter uma educação de qualidade afligiria os interesses da classe dominante. Por isso,

escolarizar todos os homens era condição de converter os servos em cidadãos, era condição de que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio, mas o papel político da escola estava aí muito claro. A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 1999, p. 44).

Quanto à educação que cabe a escola, Brandão (1995) revela que o seu significado deve ir além dos muros das escolas, ganhar o mundo e extrair dele amplos conhecimentos, para depois voltar a escola, sendo problematizado, o autor é a favor de uma educação para todos. Nessa conjuntura, revela que educação é:

Do latim “educere” que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. [...] Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa levar o ser humano a realizar suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. (BRANDÃO, 1995, P.63 e 64).

Dessa maneira, a escola e a educação precisam trabalhar sob o mesmo interesse, a formação do indivíduo. Infelizmente essa parceria não funciona como gostaríamos, a escola atende uma classe em função de outra, enquanto a educação se prende a causas ilegítimas quando sua função seria a causa de todos.

Ser a favor de uma educação de qualidade significa ser a favor da diversidade no ambiente escolar, o respeito à diferença. A escola para os alunos surdos seria a escola de todos, mas também dos surdos. A educação para eles, é a educação que acolhe sua cultura, mas que também a abrange de forma que o acesso a ela seja facilitada. Pérez-Gómez faz referência à escola e ao princípio educativo, “como instância de mediação



entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações” (PÉREZ-GÓMEZ, 2001.p.11).

É necessário lembrar que incluir elementos para facilitar a educação inclusiva é uma forma de promover a diversidade de métodos e práticas que podem beneficiar o processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, incluir a psicomotricidade no currículo é muito mais que um gesto de cidadania e de inclusão, é a mais digna forma de mostrar para a escola, a comunidade escolar, a família e a sociedade que os alunos são seres humanos, e o simples fato de serem humanos, lhes dão o direito de serem lembrados na construção do currículo e na elaboração do Projeto Político Pedagógico, pois seria uma ação democrática, onde todos participariam e seriam tratados como iguais na sua diferença.

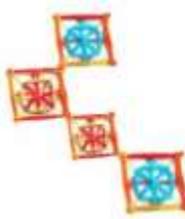
Os alunos com deficiências merecem o mesmo direito dos considerados “normais”. Pode até parecer ilusório vislumbrar uma escola que pense no todo, mas partes, nas diferenças e nas singularidades, mas essa é a escola que queremos, a que almejamos, para que os surdos possam se orgulhar de adentrar a esse espaço, chamar de seu, se sentir pertencente a ele, como todos os outros.

Salienta-se, pois, que isso só será possível através da mudança dos pensamentos e das práticas preconceituosas e ultrapassadas no sistema de ensino, além da iniciativa das escolas em fazerem palestras, momentos de apreciação da práticas como a psicomotricidade, o que facilitará o acesso de todos os alunos ao conhecimento, favorecendo assim, a interação entre professores, alunos e todos que fazem a escola.

Quando um aluno se sente parte do todo, participa de atividades dinâmicas, usa o corpo como instrumento de aprendizagem, se move, se relaciona e socializa o mesmo se desenvolve pessoal e socialmente, favorecendo a construção da identidade singular e plural.

A identidade de qualquer povo também é construída a partir das relações econômicas e políticas, além das sociais. Quando ao processo educacional, Mészáros (2008) evidencia a ideia de que as reformulações que possam acontecer na educação são inconcebíveis sem a transformação também no quadro social. O autor recusa a noção de reforma que se proponha apenas a correções marginais, mantendo intactas as estruturas fundamentais da sociedade e conformando-se às exigências da lógica do capital.

Para Mészáros (2008), o sistema utiliza-se das reformas educacionais para apenas remediar os efeitos desastrosos da ordem produtiva, mas não elimina os



“fundamentos causais e profundamente enraizados”. Para o autor, “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 27).

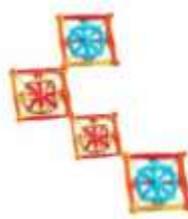
Para Exemplificar essa situação, Mézáros examina a experiência de Adam Smith, economista político, e de Roberto Owen, reformador social educacional utópico. Sobre Smith, atesta que mesmo que este ilustre iluminista reconheça o impacto negativo do sistema sobre a classe trabalhadora, sua análise atribuindo ao “espírito comercial” a causa do problema é incapaz de se dirigir às causas reais, reduzindo seu esforço de expressar sua preocupação humanitária a um círculo vicioso de apontar apenas “os efeitos condenados”, dando assim prevalência aos limites objetivos da lógica do capital.

Ao tratar da posição de Robert Owen, reconhece sua posição de denúncia da exploração e instrumentalização do empregado pelo empregador, mas condena no seu discurso – com marcas de parcialidade, gradualismo e circularidades – sinais de conformação aos debilitantes limites do capital. Neste caso, Mézáros observa que Owen “não pode escapar à autoimposta camisa de força das determinações causais do capital” (MÉSZÁROS, 2008, p. 35). Numa conclusão, o autor lembra que “[...] o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema” (Idem).

Ao relacionar o pensamento do autor supracitado com a educação das crianças com deficiência no sistema de ensino tradicional, percebemos que a escola se limita a lógica do capital, compartilhando ideias sobre inclusão e instituindo na prática uma exclusão. Os alunos surdos precisam sim, de escolas bilíngues, não de um sistema que maquia sua entrada e seu desenvolvimento caracterizado por um conceito que se deturpa em diferentes concepções.

Por isso, fomentar discussões que reflitam sobre ferramentas, estratégias de ensino e método ajuda a mostrar que a escola ode vencer a lógica do capital, que a vida e o desenvolvimento das crianças no processo inclusivo é superior em relação ao pessimismo enraizado.

A psicomotricidade se apresenta como uma proposta de ajuda ao processo educacional das crianças deficientes, o que permite construir práticas eficazes com o uso de atividades simples e que facilitam o acesso do aluno ao conhecimento sistematizado, de uma forma mais lúdica e prazerosa.



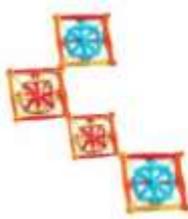
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos estudos de André Lapierre na década de 70 foi possível pensar em uma abordagem que evidenciasse os aspectos relacionais e motores para promover uma educação significativa, e com isso, nasceu a psicomotricidade relacional. O autor revela que existe uma motricidade na relação que se estabelece entre a criança e o meio com o qual está inserida. Essa nova forma de fazer a educação está completamente ligada descoberta de forma espontânea com foco no aprendizado (VIEIRA *et al*, 2007, p. 26).

Alguns estudos mostram que essa abordagem é relevante por favorecer o engajamento das crianças em atividades que permita o relacionamento, ou seja, a se relacionar consigo mesmas e com os colegas. Quando há um relacionamento sadio entre todos é muito mais fácil conseguir superar as dificuldades, medos, anseios, e entender os sentimentos e as fases de maturação de cada idade que a criança vivenciará. Vieira (*et al*, 2007, p.27) ressalta que “(...) uma psicomotricidade que visa privilegiar a qualidade da relação afetiva, a disponibilidade tônica, onde o corpo e a motricidade são abordadas como unidade e totalidade do ser”.

Através da psicomotricidade é possível uma vivência que favoreça o entendimento sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças, como mal comportamento oriundo de problemas relacionais ou de problemas externos, compreenda os medos, os limites, as fantasias, além de ter como base a socialização, criatividade, espontaneidade, melhorando, assim, a auto estima da criança. Quando a criança resolve suas questões relacionais, o aprendizado fica mais suscetível e empírico.

A Psicomotricidade no espaço escolar busca estimular a capacidade relacional de alunos e professores. Insere-se no contexto educativo proporcionando um espaço para expressão corporal da criança e do adulto, na manifestação dos impulsos inconscientes que os levam à busca do conhecimento, a afirmação da própria identidade e a superação de conflitos normais do desenvolvimento, potencializando o desejo para a aprendizagem. Deve, portanto, ser incluída no Currículo Escolar como uma atividade sistemática com fins preventivos e profiláticos. (VIEIRA, *et al*, 2005.p. 141).



Certamente, quando um sujeito sente-se mais a vontade e parte da realidade da escola, pode sobremaneira fortalecer os objetivos da aprendizagem. As relações tecidas por meio da psicomotricidade relacional ajudam a construir uma aprendizagem significativa. A psicomotricidade relacional permite que a comunicação entre os grupos de crianças seja estabelecido a fim que se tenha uma aprendizagem constante por meio das brincadeiras que envolva o corpo, com foco na vivência simbólica.

A criança tem seus direitos dentro da sociedade, que a partir desses é permitido dentro das relações com o outro desenvolver suas capacidades, momento de construção de sua identidade. Cada indivíduo traz consigo sua bagagem cultural, por meio disso se constrói junto com a convivência e relação com outros indivíduos novos conhecimentos, porém precisam de mais itens para desenvolver novas culturas e novas descobertas que contribuem para a construção da sua identidade.

Essas características são observadas e exploradas de diversas formas, entre elas através das brincadeiras tanto livres como direcionadas. Para Maluf (2016, p.13) “as instituições de educação infantil precisam ser acolhedoras, atraentes, estimuladoras, acessíveis as crianças”. Sendo assim esse ambiente diferenciado deve proporcionar prazer e curiosidade onde o desenvolvimento infantil seja pleno.

A criança, em seu desenvolvimento, necessita de diferentes eixos de aprendizagem, esses que são adquiridos e estimulados no espaço escolar. A escola deve propiciar um ambiente acolhedor, motivador e estimulador, para receber todas as crianças que nela convive. Para isso, deve oferecer variados objetos e espaços para que o professor, e auxiliar de sala, promovam toda essa aprendizagem de forma lúdica e muito prazerosa.

Através de movimentos variados e estímulos diferentes, a criança vai construindo sua imagem corporal, adquirindo uma aprendizagem motora. Há uma constante interação com o adulto, exclusivamente da família, que está em sempre presente com a criança em todos os momentos.

Pode-se dizer que o desenvolvimento motor, social e cognitivo das crianças se dá através das experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar. Principalmente dentro da escola, onde a criança passa um determinado tempo de suas vidas. Nela são realizadas atividades voltadas com o objetivo do desenvolvimento integral da criança.

Ao se movimentar a criança cria diferentes aprendizagens, através do seu corpo em diferentes ambientes, atuam de diversas maneiras, explorando variadas situações que



permitem sua mobilização, está interligada a cultura pertence. Pelo movimento, a criança é capaz de explorar novos conhecimentos através dos jogos, das brincadeiras, do brincar, seja com objetos das mais diversas formas, com o professor ou por meio de uma brincadeira livre, em que estejam, à disposição, objetos ao seu alcance. Conforme Vazques (2010, p.11):

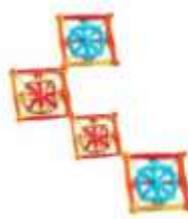
O corpo humano tem um papel fundamental no desenvolvimento histórico e social. Foi a partir da capacidade humana de perceber que a natureza poderia ser utilizada para suprir suas carências que o ser humano, ao contrário de todos os outros animais, passou, partindo de um projeto antecipadamente vislumbrado em sua consciência, a transformar a natureza para satisfazer determinadas necessidades, criando, ao mesmo tempo, novas possibilidades de desenvolvimento ao próprio ser humano.

A educação psicomotora surge, portanto, a partir de possibilidade de evitar as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais. Dessa forma, os programas de educação psicomotora são implantados nas escolas como meio de valorização pessoal e potencialização das expressões verbais, gestuais e gráficas na criança, permitindo assim, o aperfeiçoamento do comportamento geral (JUNQUEIRA, 1999).

Isso reflete em um melhor desempenho tanto cognitivo, social e também motor. Em razão de a psicomotricidade relacional ser trabalhada dentro da tripolaridade (cognitivo, social e motor) sua função é manter o equilíbrio entre os três. Para isso são desenvolvidas atividades, jogos e brincadeiras diversificadas em que a criança consegue de forma gradativa alcançar uma melhora dentro da dificuldade encontrada.

Segundo Junqueira, (1999). “Uma vez caracterizado como linguagem, o brincar é uma forma de expressão e uma maneira pela qual a criança se relaciona com o mundo a sua volta.” A relação social através do brincar para as crianças tem um papel extremamente importante, pois é através desse ato em que eles pensam, criam e recriam acontecimentos, sabendo que estão brincando. O brincar proporciona também capacidades importantes como atenção, imitação, memória, coordenação, equilíbrio, entre outros diferentes tipos de habilidades e capacidades físicas, na qual auxiliarão no desenvolvimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



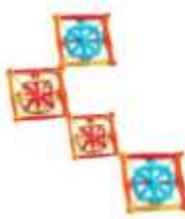
Antigamente os jogos e as brincadeiras ocorriam nas ruas, em praças públicas, sem a orientação ou sobre a vigilância dos adultos, mas desfrutando da presença de diversas crianças de variadas idades, onde contribuía para valores no que se dizia na criação de normas e condutas, valores morais e atitudes referentes a si mesmo e aos outros, colaborando com o melhoramento das relações. Existam muito mais tempo e espaço, onde as crianças podiam brincar soltas, elas pulavam cantavam, corriam ouviam histórias entre tantas outras brincadeiras repletas de movimentos, emoções, significados relacionados com a realidade que viviam e com as outras pessoas.

A criança como um ser social adquire a aprendizagem por meio da troca de interações com seu meio e pelo intermédio dos adultos e sua convivência. Seu conhecimento é construído socialmente e a forma mais expressiva de fazer isso é brincando, ou seja, pelo movimento.

Atualmente, o estilo de vida construído pelas condições socioeconômicas tem elevado o número de pessoas ao sedentarismo, isso se deve pelas horas diante da televisão, computador e jogos eletrônicos, celulares, tablets entre outros aparelhos dessa forma as crianças pouco praticam atividades motoras, os jogos infantis, atividades esportivas e físicas. Isso acontece devido a facilidade de acesso a essas novidades eletrônicas, atraindo o interesse por esses meios, fazendo com que as brincadeiras motoras percam sua importância.

Por ser parte integrante da vida das crianças, a escola é capaz de incentivar os alunos a conhecer suas potencialidades de movimento, já que a escola pode proporcionar e aprimorar os aspectos físicos e psíquicos do corpo e suas inter-relações. Em função disso particularmente o ambiente escolar da educação infantil deve dispor de um espaço físico e social em que as crianças possam se sentir acolhidas, amparadas e seguras para aprenderem mais sobre o seu eu, os outros e o meio em que vivem. Porém, nem sempre isso é bem-sucedido, pois na visão de alguns educadores para ordem e disciplina é necessário que as crianças permaneçam na maior parte do tempo sentadas, organizadas em filas ou quietas sem se moverem.

O intuito da psicomotricidade é o de promover uma educação que favoreça a aprendizagem por meio das relações que são construídas no solo escolar. No processo de autoconfiança e de aprendizagem, o intuito do lúdico educar e ensinar de maneira



divertida e assim promover a interatividade em as crianças, pois em todas as fases da vida elas estão em constante processo de aprendizagem, com isso desenvolve-las com o uso de brincadeiras, jogos, brinquedos, músicas, artes, movimentos, afetividade, e através desses aspectos é possível satisfazer seus interesses e suas necessidades. Desse modo, o estudo contribui com pesquisas voltadas a essa nova abordagem, ajudando com informações sobre o assunto.

Entende-se, pois, que a psicomotricidade beneficia a educação inclusiva na medida em que possibilita o acesso de um indivíduo limitado a práticas que os ajuda a se desenvolverem. Reverbera-se que não basta só uma mudança sistematizada, mas afetiva, em que agentes e instituições se movam, garantindo o aprendizado e troca de experiências entre os que fazem a instituição. Destaca-se, assim, que a pesquisa é de grande relevância, tanto para uma simples análise quanto para interpretações, além de fonte de informação, e contribuirá para o entendimento de estudos relativos a inclusão e a docência no ensino superior.

A escola precisa trabalhar sob o mesmo interesse, a formação do indivíduo. Infelizmente essa parceria não funciona como gostaríamos, a universidade atende uma classe em função de outra, enquanto a educação se prende a causas ilegítimas quando sua função seria a causa de todos.

Ser a favor de uma educação de qualidade significa ser a favor da diversidade no ambiente, o respeito à diferença. A educação para eles é a educação que acolhe sua cultura, mas que também a abrange de forma que o acesso a ela seja facilitada. Pérez-Gómez faz referência à escola inclusiva e ao princípio educativo.

É de irrefutável relevância que os professores participem do processo de modo a garantir que a diversidade seja respeitada dentro das universidades brasileiras. Quanto a acessibilidade, é preciso que todos os alunos sejam contemplados quando se cogita o espaço escolar. É necessário que se pense em um ambiente plural, inserindo novos métodos para atender a todos, capaz de incorporar práticas e valores sociais que transforme ações e que beneficie o acesso de pessoas com deficiência no ambiente inclusivo.

Por isso, enfatiza-se que a formação dos professores é um importante meio para que os mesmos estejam em contato com discussões, tendo acesso a descobertas sobre a inclusão e os benefícios da psicomotricidade, sobre a melhor forma de incluir, sem excluir seus alunos. O ensino superior não é intocável, nem deve se colocar como



modalidade dissociada das demais, precisa ser continuidade, e por isso, deve contemplar o ensino inclusivo.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Camila Costa de Oliveira Teixeira; PINHEIRO, Veralúcia. **Da Escola e Democracia de Demerval Saviani à Educação para a Democracia de Vitor Paro:** questões sobre a função da escola e da educação da antiguidade até contemporaneidade. Universidade Federal de Uberlândia/MG – 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1993-1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p.

JUNQUEIRA, M. F. P. **O brincar e o desenvolvimento infantil.** *Pediatr. mod*, v. 35, n. 12, p. 1999.

LIBANEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira:** escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educ. Pesqui.* [online]. 2012, vl.38, n.1, pp. 13-28.

MALUF, Angela Cristina M. **Atividades lúdicas para a educação infantil.** Editora Vozes Limitada, 2016.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2006 (Mundo do Trabalho).

MONTSSORI, Maria. **A Criança.** Tradução: Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez.. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2010.

VIEIRA, J. I.; BATISTA, M.I.B.; LAPIERRE, A. **Psicomotricidade Relacional: A Teoria de uma Prática.** Curitiba: UFPR, 2005.